

## **MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E SEUS EFEITOS NA LEITURA E ESCRITA**

### **LITERACY METHODS AND THEIR EFFECTS ON READING AND WRITING**

Andréa Vilella de Paula<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

A alfabetização de crianças e adultos tem sido tema de pesquisas em todo território nacional, devido aos baixos índices de desempenho na alfabetização alcançado pelas escolas brasileiras. O presente trabalho traz uma reflexão sobre os métodos de alfabetização e sua importância para garantir os direitos de aprendizagens dos alunos. A construção do processo de aquisição e domínio da leitura e da escrita foi discutida a partir dos tipos de métodos e os entraves deles decorrentes, a relação entre as etapas da consciência fonológica e as fases da escrita no processo de alfabetização, bem como o que sondar antes de iniciar a alfabetização e o letramento. O papel do mediador em todo o processo também é objeto de reflexão deste trabalho.

**Palavras chaves:** Método de ensino; Sistema de escrita alfabética; Alfabetização; Letramento.

#### **ABSTRACT**

Children and adults' education has been the subject of research throughout the national territory due to the low levels of performance in literacy achieved by Brazilian schools. The present work brings a reflection on literacy methods and their importance to guarantee students' learning rights. The construction of the process of acquiring and mastering reading and writing was discussed based on the types of methods and the obstacles resulting from them. The relationship between the stages of phonological awareness and the stages of writing in the literacy process as well as what to look for before starting literacy and learning. The mediator role throughout the process is also the object of reflection in this work.

**Keywords:** Teaching method; Alphabetical writing system; Literacy; Education.

#### **INTRODUÇÃO**

Comunicar-se é uma necessidade do ser humano. Martins e Spechela (2012) ressaltam que, ao longo dos períodos históricos, houve a necessidade de registrar e passar adiante os conhecimentos adquiridos, a partir disso surge a leitura e a escrita com a intenção de transmitir esse conhecimento. No início de forma primitiva, bastando saber compreender o que significavam os códigos e repetir modelos padronizados.

A educação é uma das maiores riquezas de um país. Um ensino de qualidade se inicia nos primeiros anos escolares, com o processo de alfabetização. Fernandes (2010) resalta que a educação possui grandes objetivos, “ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser,

---

<sup>1</sup> Fonoaudióloga, Psicopedagoga, Especialista em Alfabetização e Linguagem, Multiplicadora do Método das Boquinhas®.

ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento”.

Considera-se a alfabetização um instrumento principal para a aquisição da aprendizagem, desenvolvimento do pensamento crítico, construção do conhecimento, desenvolvimento das competências e habilidades necessários ao longo da vida, bem como obter acesso à informação. O ser humano alfabetizado e letrado domina diferentes usos da comunicação, seja através da leitura ou escrita, participando efetivamente da cultura letrada e, como consequência, da efetiva inserção social. O professor que toma em mãos a responsabilidade de dar seguimento ao conhecimento já iniciado na vida cotidiana de cada indivíduo, contribui para que os alunos possam viver e conviver de forma autônoma.

Este trabalho traz uma reflexão sobre a importância dos métodos de alfabetização para garantir os direitos de aprendizagens dos alunos. Para essa reflexão, foram apresentados os tipos de métodos e os entraves deles decorrentes, a relação entre as etapas da consciência fonológica e as fases da escrita no processo de alfabetização, bem como o que sondar antes de iniciar a alfabetização e o letramento. O papel do mediador em todo o este processo também foi objeto de reflexão deste trabalho.

## **1- Porque é preciso ter método para alfabetizar**

A alfabetização é uma das principais fases da vida de um indivíduo. É a partir dela que ele passa a ter domínio do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), passa a compreender a relação entre a fala e a escrita, e então, abrem-se novos caminhos, possibilitando para que o aprendiz faça sentido e seja significativo na vida de cada um.

As últimas pesquisas divulgadas apontam que a alfabetização dos brasileiros apresenta níveis baixos em relação à compreensão da leitura e da escrita. De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2018), o Brasil apresentava baixa proficiência em leitura, bem como em Matemática e Ciências, quando comparados a 78 outros países participantes da avaliação.

Almeida (2019) afirma que o analfabetismo exclui uma parcela da população do acesso às informações mais básicas, mas que uma alfabetização com qualidade é direito de todas as pessoas. A autora destaca que “34% das crianças brasileiras chegam no final do 3º ano sem ler ou escrever adequadamente, de acordo com dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA)”.

Para ter sucesso em um processo, é preciso ter clareza da meta a ser alcançada, planejamento das etapas a seguir e procedimentos adequados para atingi-la. Fica evidenciada a necessidade de um método eficaz de alfabetização que transforme a realidade atendendo professores e alunos. É comum aos educadores no cotidiano escolar pensarem qual o melhor método para se alfabetizar e que garanta uma alfabetização de qualidade, para que as crianças se apropriem dos conhecimentos da leitura e da escrita.

Segundo Soares (2016), atualmente é inequívoca a compreensão de que, para se aprender a ler e escrever, os processos fonológicos devem ser ensinados, posto que o sistema de escrita de nossa língua tem bases fônicas alfabéticas. A autora ressalta que não se trata apenas da escolha do método de alfabetização e sim da necessidade de se alfabetizar COM método, posto que todo o processo requer ordem, sequência e sistematização que dê um caminho ao professor”.

Correa e Salch (2007) destacam que “a palavra método tem sua origem no grego ‘méthodos’ e diz respeito a caminho para chegar a um objetivo”. Refere-se ao planejamento e a procedimentos para se chegar a determinado fim.

## **2- Tipos de métodos de alfabetização**

Annunciato (2019), em conformidade com Seabra e Dias (2011), afirma que existem dois tipos de métodos: sintéticos e analíticos. Os sintéticos vão da parte para o todo, iniciam a partir de unidades gráficas ou sonoras, como o método alfabético ou soletração, método fônico ou fonético, método silábico. Os métodos analíticos vão do todo para as partes, como os métodos de palavração, sentencição e o método global.

Seabra e Dias (2011, p. 307), afirmam que os métodos de alfabetização vão além de sintéticos e analíticos, e devem ser distintos por três diferentes aspectos,

- 1) Qual é o ponto de partida e o encaminhamento da alfabetização? Aqui se faz a distinção entre métodos analíticos e sintéticos;
- 2) Qual é a unidade mínima de análise na relação entre fala e escrita? Aqui se distingue entre método global, método silábico e método fônico;
- 3) Qual é o tipo de estimulação envolvida? Aqui se distinguem o método multissensorial e o tradicional.

Método tradicional e multissensorial diferenciam-se em relação às modalidades sensoriais engajadas, ativa e intencionalmente, no processo de alfabetização. No método tradicional, a linguagem escrita é ensinada principalmente usando a visão (o aluno vê o item

escrito) e a audição (o aluno ouve seu correspondente oral), enquanto os métodos multissensoriais proporcionam maior engajamento e são mais explícitos que outras modalidades sensoriais, trazendo mais efetividade na aprendizagem (SEABRA; DIAS 2011).

Um grande diferencial entre os estímulos multissensoriais, em especial para trazer concretude e, assim, facilitar o desenvolvimento da consciência fonológica e fonêmica, habilidades fundamentais para a compreensão do processo de leitura e escrita, é a fonoarticulação, na qual:

[...] o aluno, de forma intencional, atenta aos movimentos e posições de lábios e língua necessários para pronunciar determinado som. Assim, o método multissensorial tenta, intencionalmente, apresentar a linguagem escrita, tendo como input outras modalidades não usadas no método tradicional, como o tato e a cinestesia (SEABRA; DIAS, 2011, p. 308).

Historicamente, o uso e a transição entre diferentes métodos de alfabetização têm sido marcados por períodos de insatisfação e resistência, delimitando conflitos e disputas, quase sempre ideológicas, entre defensores de antigas e novas concepções.

### **3- Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e Letramento**

Magda Soares (2016), em seu livro “Alfabetização, a questão dos métodos”, afirma que a alfabetização e o letramento se compõem por três facetas: a linguística, que envolve o processo de alfabetização, cujo objeto de conhecimento é a aquisição das convenções da escrita e do sistema alfabético e ortográfico, a interativa, que tem como objeto as habilidades de produção e compreensão de textos, e a sociocultural que se refere à língua escrita, suas funções e usos nos mais diferentes contextos sociais e culturais. Para a autora, a leitura e a escrita circulam em um ambiente de possibilidades e práticas curriculares, o que proporciona ao aluno a possibilidade de comunicação e interação. Ela ressalta que a alfabetização representa o aprendizado de uma tecnologia em relação à representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica”. Dessa forma:

Entre os vários sistemas de escrita, o sistema alfabético se diferencia dos demais por sua relação com a cadeia sonora da fala, que ele representa. Assim, para aprender a ler a escrever, é necessário que o aprendiz volte sua atenção para os sons da fala, e tome consciência das relações entre elas e sua representação gráfica, tanto no nível de palavra quanto no nível das relações fonema-grafema [...] (SOARES, 2016, p. 124).

Diante dessa afirmativa, entende-se que é preciso apresentar ao aprendiz um método de alfabetização que desenvolva suas habilidades linguísticas e seu uso, aprendizagens estas que vão além do codificar e decodificar, é “aprender também a usar isso nas práticas sociais, as mais variadas, que exigem o uso de tal técnica” [...] (SOARES, 2003).

Morais (2012) descreveu 10 propriedades do Sistema de Escrita Alfabética, trazendo a reflexão do que o aprendiz precisa compreender para se apropriar da leitura e da escrita, ou seja, para alfabetizar:

**QUADRO 1. PROPRIEDADES DO SEA QUE O APRENDIZ PRECISA RECONSTRUIR PARA SE TORNAR ALFABETIZADO (FONTE: MORAIS, 2012).**

1. Escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos.
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p).
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada.
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras.
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras.
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem.
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos.
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante – vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Conforme ressalta Jardini (2017), “um dos objetivos da alfabetização é levar o indivíduo a ter domínio do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), ou seja, compreender o mecanismo da conversão grafofonêmica”, no entanto, segundo ela, isso não significa dizer que a criança fará “uso significativo desse aprendizado em sua vida”. Para que isso aconteça, é preciso pensar o letramento como “um ato socio-histórico-cultural em que o ser se apropria daquilo que aprende, fazendo uso consciente e funcional da leitura e da escrita, e exercendo seu livre-arbítrio como leitor e escritor”

De acordo com Soares (2004), letramento é palavra e conceito recente, que foram introduzidos há pouco mais de duas décadas na educação e nas ciências linguísticas. O

letramento deve andar juntamente com a alfabetização, que é compreendida como a aquisição do sistema convencional da escrita.

De acordo com Soares (2002), o vocábulo letramento apareceu no Português, derivado da “versão da palavra da língua inglesa *literacy*, oriunda, por sua vez, do latim *littera* (letra) e acrescida do sufixo *-cy*, denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Assim, *literacy*, na língua inglesa, significa a condição de ser letrado”.

Fundamentado pela declaração da UNESCO, Antunes (2013) menciona os quatro pilares fundamentais da educação básica: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Dessa forma, Tfouni (2002) afirma que “enquanto a alfabetização se ocupa da aprendizagem da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Scliar-Cabral (1998) afirma que o letramento está atrelado ao uso funcional dos sistemas capazes de permitir a compreensão e produção de material escrito verbalmente codificado. Segundo o autor, tornar-se letrado significa dizer que o indivíduo é capaz de compreender todos os tipos de texto que circulam, além de ser capaz de praticar a comunicação através da escrita.

De acordo com Mortatti (2004), as sociedades grafocêntricas das escritas são muito importantes, uma vez que tudo se organiza em torno delas. Dessa forma, o letramento influencia tanto na relação com a sociedade quanto na convivência com os outros sujeitos.

#### **4- Principais entraves decorrentes de métodos de alfabetização**

Um dos princípios destacados por Morais (2012) para a compreensão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) é que para escrever usamos letras, as quais formam o alfabeto. Assim, conhecer os nomes das letras e reconhecê-las visualmente (imprensa, cursiva, maiúsculas e minúsculas) faz parte do processo de aprendizagem da leitura e escrita. Porém, “o nome da letra não é suficiente para a criança aprender a decodificar (ler) e codificar (escrever)”, o que acaba sendo um entrave na alfabetização (JARDINI, 2017).

Jardini (2017) ressalta que a chave do princípio alfabético é a compreensão das relações existentes entre fonema/grafema dentro das palavras, ou seja, consciência fonológica e fonêmica, sendo a consciência fonoarticulatória fundamental para esse processo, já que a boca dá concretude ao som. E dada a importância da aprendizagem das

relações articulema/fonema/grafema para a alfabetização, diminuir o tempo de repetição dos nomes das letras e ensinar essas relações desde a Educação Infantil torna-se imprescindível.

Outro entrave comum no processo de alfabetização é o apoio excessivo nas sílabas, tanto oralmente (ditar silabando) quanto na escrita (atividades de divisão silábica quase que diariamente). As sílabas fazem parte da estrutura das palavras da língua portuguesa e falamos em sílabas, o que as torna facilmente perceptíveis na pronúncia das palavras. Esse fato leva alguns autores a generalizar que seria mais fácil alfabetizar usando na escrita uma metodologia totalmente apoiada na fala. A intervenção neste caso deve levar o aluno a perceber a estrutura intrassilábica, a ocorrência de todos os fonemas que compõem a sílaba, sem necessidade de memorizar as famílias silábicas. Mais uma vez a mediação eficaz será através da consciência fonêmica e a consciência fonoarticulatória é fundamental para a compreensão desse processo.

O neurocientista francês Stanisla Deahene (2012) explica que os neurônios detectam inicialmente letras isoladas, depois sílabas (bigramas), depois combinações de letras frequentes e regulares, como sufixos/prefixos, uma composição de formas que ocorre do menor para o maior e que é feita no lado esquerdo do cérebro. Segundo o autor, métodos analíticos, metodologias para a alfabetização que partem do significado da palavra (do maior para o menor), sem necessariamente conhecer unidades menores, ativam o lado direito do cérebro, seguindo na via contrária ao seu funcionamento e tornando o processo mais demorado. Essas são informações úteis para que a leitura se proceda com eficiência. Não há nenhum neurônio que detecte palavras inteiras, por isso justifica-se a aprendizagem do menor para o maior, sistemas sintéticos. “O ensino da leitura e escrita pelo método global, que ensina ler palavras e frases inteiras, é um contrassenso neuronal” (DEAHENE, 2012).

## **5- O que sondar antes de alfabetizar**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, a fim de assegurar os direitos de aprendizagem dos alunos. A BNCC é o mínimo esperado, mas é preciso conhecer a realidade do aluno e o contexto para poder planejar um trabalho que alcance objetivos de desenvolvimento individuais e coletivos.

Com relação ao meio educacional, é fundamental que se conheça o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, os recursos disponíveis e, voltando a atenção para os aprendizes, pesquisar o grau de interesse e motivação para aprender, as hipóteses de escrita dos alunos, a rota de leitura (fonológica, lexical, dupla rota) de cada um, enfim, conhecer as necessidades individuais e coletivas, o que inclui maturidade (neurológica e socioemocional), nível cognitivo, socialização, funções executivas, consciência corporal, consciência fonológica, consciência visuoespacial, coordenação visuomotora etc. Lembrando que, para investigar, é preciso conhecer o que é esperado para cada fase de escolaridade.

Sondar não significa avaliar para dar nota, aprovar ou reprovar o aluno, e sim investigar, conhecer as habilidades já alcançadas e falhas a serem corrigidas. O próximo passo é escolher um método de trabalho e capacitar-se para aplicá-lo, planejar a mediação e controlar a aprendizagem continuamente. Importante registrar os resultados, tanto para fins comparativos (aluno/aluno, aluno/classe, aluno/idade etc.) quanto para propiciar crescimento do aluno, educador, escola, município, educação de um modo geral.

## **6- Teoria da Psicogênese da Escrita: Um marco na educação**

A Teoria da Psicogênese da Língua Escrita foi formulada pelas psicolinguistas argentinas Ferreiro e Teberosky a partir de pesquisa desenvolvida no período de 1974 a 1986, ano em que sua obra foi publicada no Brasil. O objetivo da pesquisa foi apresentar a interpretação do processo de leitura e escrita do ponto de vista do sujeito que aprende. Este foi um grande marco na educação, em especial na alfabetização na medida que se desloca o foco do ensino para a aprendizagem, do professor que ensina para o aluno que aprende.

O cuidado que Ferreiro e Teberosky (1999) tiveram em destacar que não pretenderam propor nenhuma nova metodologia para alfabetizar não impediu que, no Brasil, assim interpretassem a Teoria da Psicogênese. Isto fez com que muitos educadores acreditassem que apenas conhecer o nível de escrita dos alunos seria suficiente para levá-los a avançar no processo de escrita. Na verdade, este é apenas o início do processo. Com o subsídio de um conhecimento que permite ao educador compreender a hipótese de escrita de cada aluno, uma mediação adequada poderá ser feita e o aluno avançar.

No Quadro 1, Jardini *et al.* (2020) mostram qual deve ser o objetivo do mediador para levar o aluno a avançar a partir do nível de escrita:

**Quadro 1 -**

<b>NIVEL DE ESCRITA</b>	<b>HIPÓTESE QUE SUSTENTA ESTE NIVEL DE ESCRITA</b>	<b>O QUE A MEDIAÇÃO DE BOQUINHAS BUSCA EM CADA NIVEL DE ESCRITA PARA LEVAR O ALUNO A AVANÇAR</b>
<b>Pré-silábica</b>	Não relaciona escrita com a fala.	Compreensão que a escrita representa a fala, que é silábica. Sair do realismo nominal.
<b>Silábica</b>	Uma letra basta para representar cada sílaba.	Compreensão da estrutura silábica. Entender/escutar/sentir todos os fonemas presentes em cada sílaba falada.
<b>Silábico-alfabética</b>	Hipótese transitória, pois ainda não conhece todas as letras. Pode escrever sílabas completas ou voltar à hipótese silábica.	Conhecimento de dos fonemas e de todas as letras, percebendo sua ocorrência e posição dentro das palavras, inclusive nas sílabas complexas.
<b>Alfabética</b>	Já compreende e conhece todos os sons da fala, conseguindo representa-los na escrita.	Compreensão das irregularidades da língua, podendo registrar palavras com múltiplas representações sonoras. Aumento da velocidade de leitura e compreensão de textos.

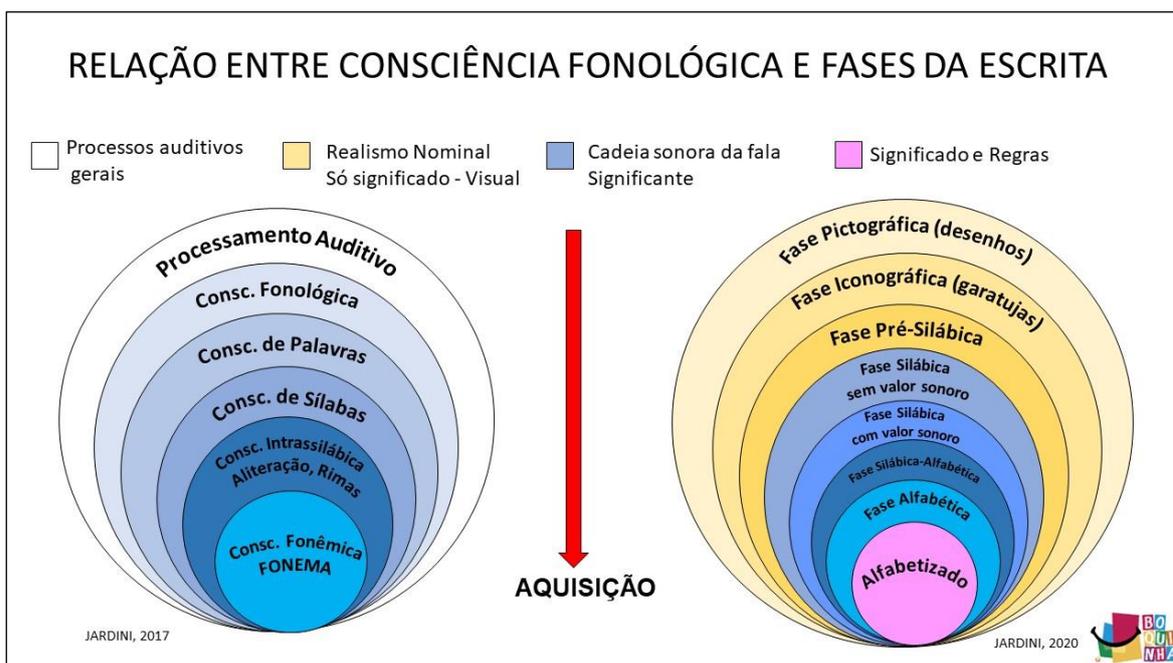
Fonte: JARDINI, 2020.

## **7- As etapas da Consciência Fonológica (CF)**

De acordo com Capovilla & Capovilla (2004), a consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à habilidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis. Para Jardini (2017), esse aprendizado deve ser iniciado na ORALIDADE e por meio da Consciência fonoarticulatória (CFA), uma vez que a boca é uma ferramenta que concretiza a abstração do som, e mostra a importância desse ensino dentro de palavras reais, não de forma isolada.

Na relação entre as etapas da consciência fonológica (Quadro 2) e as fases da escrita há uma “hierarquia” importante de ser compreendida para o sucesso da mediação. As etapas da CF começam a ser desenvolvidas a partir de 3 a 4 anos e todas acontecem na oralidade. Tendo em vista a imaturidade da criança nesta faixa etária, é importante que o estímulo aconteça “do maior para o menor”, com apoio no significado e não no significante. Somente quando a criança atinge o nível de Consciência Fonêmica, última etapa da CF (sem significado) é que ela está preparada para construir suas hipóteses acerca do que é a leitura e a escrita. Agora sim, o processo vai iniciar do menor para o maior, pois, conforme explica Deahene (2012), não há nenhum neurônio que detecte palavras inteiras, por isso justifica-se a aprendizagem do menor para o maior, como nos métodos sintéticos de alfabetização.

## Quadro 2 – Etapas da consciência fonológica



Fonte: JARDINI, 2017.

## 8- Educador consciente, planejamento eficiente

Tendo em vista os dados preocupantes da educação no geral e da alfabetização em particular, principalmente com as defasagens pós-pandemia de Covid-19, o educador/professor tem sido desafiado a buscar cada dia mais para produzir resultados efetivos. Mas esses resultados não podem estar limitados ao conteúdo escolar.

O papel de um educador consciente é proporcionar uma educação emancipatória a qual, a partir da problematização, proporcione aos educandos a consciência de que são seres históricos em permanente construção, vivendo em uma sociedade que, da mesma forma, é um produto histórico. Tavares e Barreiro (2017) ressaltam que não é fácil desenvolver uma prática escolar crítica, construtiva, emancipatória com tantos obstáculos presentes na rotina do educador-educando. É algo difícil, mas o difícil não pode se tornar impossível.

Jardini (2018) discute como têm sido abordadas pelo professor as questões práticas envolvidas na alfabetização, faceta linguística, bem como seus entraves metodológicos decorrentes do papel do educador, “de protagonista ou vítima de uma prática viciosa em novos velhos métodos, pautada no “copie e cole” de exercícios repaginados, destituídos de qualquer fundamentação que os sustente, ou que os faça compreender os objetivos de cada

atividade proposta, mantendo a premissa de educar como sinônimo de cumprir o calendário como aluno em sala de aula, à despeito de resultados reais e satisfatórios”.

A falta de recursos humanos e materiais nas escolas, jornada excessiva de trabalho do professor, desrespeito à lei que garante ao professor 1/3 da sua jornada fora da sala de aula, salários baixos são um grande motivo de queixa da categoria. Mas isso não deve ser justificativa para o índice de 20% (40,8% pós-pandemia) dos alunos não alfabetizados no final do ano letivo.

Importante estabelecer metas e métodos que farão com que os resultados na educação não aconteçam de forma aleatória, mas dentro da intencionalidade e conforme planejado pelo educador. A intencionalidade educativa é definida, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como intervenções pedagógicas planejadas e implementadas, a fim de promover aprendizagens e desenvolvimento integral. É necessário que haja uma sequência de atividades pensadas a partir da realidade da turma e da necessidade de cada aluno, das necessidades psicológicas, diferenças individuais como, por exemplo, o ritmo que cada um necessita para realização das tarefas propostas, necessidades sociais e históricas e culturais, considerando a comunidade onde se insere a escola (BARBOSA; HORN, 2001).

Por fim, há que se considerar o grande desafio de se manter educador. A profissão de docente é uma das mais antigas, mas que teve pouquíssima evolução na sua formação ao longo das últimas décadas. Por isso o docente tem que buscar ressignificar sua atuação para manter-se vivo e necessário. Há necessidade de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras (SOARES, 2003).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os conflitos e disputas que historicamente a educação tem vivenciado entre defensores de antigas e novas concepções não trouxeram ainda resultados positivos com relação ao fracasso escolar que se impõe na educação brasileira. Ao contrário, a grande defasagem da aprendizagem, principalmente na educação básica, após a pandemia de Covid-19, mostra a urgência de uma transformação na educação, em especial na alfabetização.

A neurociência já comprovou a importância dos métodos de alfabetização para garantir os direitos de aprendizagens dos alunos, em especial os métodos sintéticos e

multissensoriais. No presente trabalho, foi mostrado como métodos podem levar o aluno a equívocos quando o estimulam a memorizar nomes de letras, famílias silábicas e até mesmo palavras inteiras, indo contra a forma como o cérebro aprende. Conhecimentos antigos como a Teoria da Psicogênese da Escrita e as etapas da consciência fonológica hoje são criticados por quem não entende como se dá a compreensão pela criança do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. É importante que o educador/mediador busque conhecimentos para ressignificar sua atuação e, assim, proporcionar a educação de qualidade que os alunos merecem. A relação aluno e professor/mediador/tutor possibilita a articulação entre informações e conhecimentos, com vistas a construir novos conhecimentos que levem à compreensão do mundo e à atuação crítica no contexto, razão de ser da educação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tamires. **A alfabetização é muito importante para dar liberdade e autonomia para as pessoas**. Publicado em 7/6/2019. Disponível em: [www.futura.org.br/alfabetizacao-por-ines-miskalo/](http://www.futura.org.br/alfabetizacao-por-ines-miskalo/) Acessado em 22/02/2023.

ANNUNCIATO, Pedro. O Bê-a-bá dos métodos de Alfabetização. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17568/o-be-a-ba-dosmetodos-de-alfabetizacao>. **Nova Escola**, ed. 323, 01 jun. 2019. Acesso em: 24 fev. 2023.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Riqueza e miséria do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2013.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. **Educação infantil: pra que te quero**, p. 67-79, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. [Brasília]: MEC/CNE, 2017.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. C. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2004.

CORREA, Djane Antonucci, SALCH, Bailon de Oliveira *et al.* **Práticas de Letramento: Leitura, escrita e discurso**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Tradução: Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

JARDINI, R. S. R. *et al.* **Manual de novas sondagens Boquinhas**. Bauru (SP): Boquinhas Aprendizagem, 2020.

JARDINI, R. S. R. Fonema ou gesto articulatório: quem, de fato, alfabetiza? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 2, p. 839-854, 2018.

JARDINI, R. S. R. **Método das Boquinhas: uma Neuroalfabetização**. Bauru (SP): Boquinhas Aprendizagem, 2017.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. A importância do letramento na alfabetização. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET** – ISSN 2175-1773, jul. 2012. Disponível: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia>. Acessado em: 24 fev. 2023.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

OCDE. **Resultados do PISA 2018** fornecidos pela OECD. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SCLIAR-CABRAL, L.; SCLIAR-CABRAL, E.J. **Princípios do uso do sistema alfabético na língua portuguesa do Brasil**, 1998.

SEABRA, Alessandra; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Rev. Psicopedagogia**, v. 28, p. 87, p. 306-20, 2011.

SOARES, M **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, M. **A Reinvenção da Alfabetização**. Palestra proferida na programação Sexta na Pós. Transcrição e edição: Miguel Teixeira de Carvalho e Graça Paulino. FAE UFMG, 2003.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Pátio – Revista Pedagógica**. 29 fev. 2004. Artmed Editora. Disponível em: [01d16t07.pdf\(unesp.br\)](http://01d16t07.pdf(unesp.br)). Acesso em: 24 fev. 2023.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TAVARES, A. S.; BARREIRO, A. M. O papel do educador na sociedade pós-moderna. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 02, p. 1227-1238, nov. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10162>

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.